

SELETA

RUA DO IMPERADOR

Mário Sette

Foi sempre a rua política do Recife. Foi e é. Outrora, debaixo das gameleiras que a enfeitavam reuniam-se governistas para gabar o poder e oposicionistas para atacá-lo. Políticos da Monarquia, barões disso, viscondes daquilo e graves conselheiros, todos barbados, de sobrecasacas, cartolas, sisudos e medidos; políticos da República já mais democráticos nas atitudes, nos paletós-sacos, nos simples bigodes... Até chegarmos aos ultra-democráticos de roupas brancas, camisas de seda, caras raspadas e costeletas. Acertavam-se conspirações, esboçavam-se artigos fulgurantes, te-souravam-se adversários, choravam-se máguas do ostracismo, lubrificavam-se esperanças de fastígio, ironizavam-se figuras de prôa, reconciliavam-se políticos, tramavam-se perfídias... Tanta cousa ! E os boatos que num frêmito sorrateiro partiam dali para rápidos atingirem os arrabaldes e os sertões com as suas notícias falsas e tremendas !

Tempos agitados, sombrios ou temerosos do período Barbosa Lima, com a cavalaria abaixo e acima; do estado de sítio de Floriano com a ameaça da ilha das Cobras; da prisão de José Mariano, Gonçalves Maia, Paula Mafra, Albino Meira e tantos outros; do tiroteio de 18 de dezembro no pátio do palácio e da fuga de José Maria para o “oco do mundo”; da propaganda da República e do assassinato de Ricardo Guimarães; da campanha pró-Dantas Barreto com os comícios violentos à porta do “Pernambuco”; do quebra-lampeões no quadriênio Rodrigues Alves; do jóquei Crispim, o “martir” da época; dos jornalistas engulindo em pílulas as trovas irreverentes que publicavam.

A tudo a rua do Imperador assistiu. Ali ficavam as redações dos jornais mais famosos do Recife pela sua intrepidez de oposição: “A Província”, o “Pernambuco”, a “Gazeta da Tarde”, o “Correio do Recife”, “A Concentração”... E ainda hoje lá estão o “Jornal do Recife”, o “Jornal Pequeno”, o “Jornal do Comércio”, o “Diário da Manhã”. Mesmo com os prélios revolucionários transferidos, agora, para as ruas sossegadas de Boa Vista, a rua do Imperador conserva, pelo menos, o primado dos boatos e das maledicências. É o “rendez-vous” dos que têm muito o que falar e nada que fazer.

Rua histórica, impávida, gloriosa. Desde a época em que Frei Caneca dormiu suas derradeiras noites na Cadeia Velha e dela safu para o patíbulo do largo das Cinco Pontas. Desde a época em que o Conde d'Eu passou por ela, com todas as honras de príncipe consorte, seguido por Silva Jardim que pregava a República. Desde a época em que, diante da multidão entristecida e chorosa, abafando a revolta, trouxeram para a redação da "Província" o cadáver de José Maria, assassinado numa seção eleitoral. Desde o dia em que José Mariano transitou por ali, sob arcos de folhagem, bandeiras, vivas, de volta das enxovias da ilha das Cobras. Desde a época em que os batalhões de voluntários iam por ela a caminho do Paraguai. Desde a época em que Nabuco, derrotando um candidato do governo, pôs a cidade em polvorosa e a rua do Imperador toda enfeitada.

Em discursos flamejantes oradores de fôlego ou medfocres atacaram o imposto do vintém, a tirania do Rosas, a ignomínia da escravidão, a carestia da vida, a moleza do Imperador, a arrogância de Deodoro, as diabruras do Antônio Conselheiro, a derrota de Moreira César, os arreganhos do general Pando, as violências de Floriano, o monarquismo de Saldanha da Gama, os tributos de Campos Sales, as manhas de Pinheiro Machado, o militarismo de Hermes, a politicagem do Rosa, a voluntariedade do Dantas, tudo isso em mistura com protestos contra a vacina obrigatória, a moda saia-calção, os depósitos de flandres para lixo, o saturnismo das águas da Companhia de Beberibe, os desmandos da maxambomba, as chinesas que tiravam bichas dos olhos, os artigos do pastor Salomão Guinsburg, a queima das bíblias por Frei Celestino, a prisão de D. Vital, os capoeiras de frente de música, a guerra do Transvaal, a demolição dos Arcos.

(...) Também por essa artéria desfilavam as passeatas de estudantes de Direito, no 11 de agosto ou nos trotes aos calouros, vindas da Faculdade que ficava visinha à Igreja do Espírito Santo. Dias de vibração acadêmica, de espírito, de ruído. Calouros de mãos amarradas, de paletós pelo avesso, de chapéus de mulher, de camisas por fora das calças... E obrigados a discursos bestialógicos de quando em quando. Quanto desembargador respeitável de agora passou por ali, assim !

(...) Rua dos vagabundos, dos boêmios, dos jornalistas, dos estudantes, dos meirinhos, dos advogados e dos frades de São Francisco. Sobretudo, rua de encrencas, das "blagues" e dos pecados. Há ali o contraste entre os frades e as meretrizes.

Mas, acima de tudo, a rua do Imperador é a nossa rua política. Tão política, que em 1889 foi das primeiras a mudar o nome para 15 de Novembro e depois, menos arrebatadamente, voltou a se chamar do Imperador, como outrora.

Ela tem visto de tudo, no gênero. Conservadores, caiados, liberais, monarquistas, deletérios, republicanos, escravocratas, violões, abo-

licionistas, pés-de-chumbo, dantistas, civilistas, hermistas, marretas... E ainda hoje vê outros rótulos. Não vale o gosto apreciá-los. Os de outrora, à distância, são mais “gozados”.

Foi nela que se verificou um dos episódios marcantes, e, pode-se dizer decisivos, pelo efeito do ridículo, da campanha pró-Dantas. A cidade inteira vivia em polvorosa. Comícios fogosos. Entusiasmo popular. Lutas com a polícia todas as noites. Intervenções do exército. Mortes, ferimentos, carreiras, sustos, êxodo de famílias, o diabo. Todas as casas ostentavam nas vidraças o retrato do general salvador dentro de uma bandeirinha verde-amarela. Tudo caminhava para a queda do rosismo e a vitória do dantismo. Todavia, o governo do Estado reagia, defendia-se, resistia. Tinha ainda a Força Pública ao seu lado.

Mas uma tarde, em plena rua do Imperador, ouviram-se vivas a Dantas Barreto saindo do quartel do 1º Corpo de Polícia, que ficava na esquima da Praça da República. O povo alvoroçou-se. Exultou. Juntou muita gente na calçada. Vivas a Dantas Barreto dentro de um quartel do governo estadual só poderia traduzir uma adesão à causa dantista. E a notícia correu rápida: a polícia aderira ao general. Tocou-se a “Vassourinha”. Cantou-se de novo o “Cantemos, pernambucanos/Um hino santo em louvor/General Dantas Barreto/É o nosso salvador”. No outro dia, porém, um órgão oficial explicou a cousa. Antes não o fizesse. Caiu no godo do povo a explicação: os vivas não tinham sido ao general Dantas Barreto, como parecera, e sim a um soldado de apelido marreta, que fazia anos... A polícia explica tudo.

(Maxambombas e Maracatus, pp. 211-215. 4ª edição. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981. Coleção “Cidade do Recife”, v. 19).